

PESQUISA/INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PESQUISA/ INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**"SOMOS REFUGIADOS EM NOSSO PRÓPRIO PAÍS": MULHERES KAIOWÁ
E GUARANI EM LUTA PELA BOA VIDA**

Lauanda Liz Ribeiro Ramires (lizlauanda@gmail.com)

Cátia Paranhos Martins (catiamartins@ufgd.edu.br)

O presente trabalho, desenvolvido no âmbito do Programa de Iniciação Científica, analisou as principais denúncias e reivindicações das mulheres indígenas Kaiowá e Guarani, articuladas no movimento Kuñangue Aty Guasu. Usando como metáfora “Somos refugiados em nosso próprio país”, o estudo buscou compreender como essas mulheres resistiram e se mobilizaram diante de um contexto de violações de direitos humanos, negligência e ameaças à dignidade. O objetivo foi investigar as formas de protagonismo feminino indígena na luta por direitos básicos como o acesso à água potável, segurança e saúde. Para a elaboração do trabalho foram utilizadas revisão bibliográfica com análise documental das publicações do movimento. A pesquisa buscou a narrativa das próprias mulheres como fonte de produção de conhecimento, incluindo a perspectiva da primeira autora, mulher Guarani e estudante de Psicologia. O desenvolvimento do trabalho apresenta o histórico da crise hídrica na Reserva Indígena de Dourados (MS), particularmente nas aldeias Jaguapiru e Bororó. Em 2024, a sobrecarga de poços artesianos, a queima frequente das bombas e a insuficiência dos caminhões-pipa agravaram a falta de água, levando à organização de um protesto com bloqueio da rodovia MS-156. A falta de acesso à água potável nas terras indígenas reflete não apenas a negligência do Estado, mas também o processo de violência e exclusão que os

povos indígenas enfrentam. A repressão policial incluiu uso de bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo, atingindo mulheres, crianças e idosos, inclusive rezadeiras (nhandesy) que atuavam na linha de frente como guardiãs espirituais. Apesar da violência sofrida, a comunidade se manteve unida e conquistou um acordo emergencial para a perfuração de quatro poços artesanais, dois em cada aldeia e fornecimento diário de água por caminhões-pipa até março de 2025. Embora essa medida não resolva de forma definitiva o problema, representa uma vitória parcial obtida pela mobilização coletiva. Assim, a luta das mulheres Kaiowá e Guarani transcende a reivindicação material, pois envolve preservação cultural e a defesa do território ancestral. A Psicologia ao atuar na saúde indígena precisa reconhecer o território, e a autonomia comunitária como componentes centrais do cuidado. A pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas estruturais que garantam os direitos humanos, com destaque à água e a terra, respeitando os saberes e práticas das comunidades indígenas.

Agradecimentos: Gostaríamos de agradecer à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio ao desenvolvimento deste trabalho e aos povos Kaiowá, Guarani e Terena pela luta por um Brasil mais justo para todos.

Palavras-chave: palavras-chave: mulheres indígenas; crise hídrica; psicologia social.